

OS DOIS LADOS

Estive em Mogi das Cruzes, visitando os dois filhos e famílias, cheirando as crias, como dizem os caboclos.

Fiquei 7 dias, retornando logo, para júbilo das noras. Dizia meu Pai (com sabedoria) que o hóspede dá duas alegrias: uma no dia que chega e outra no dia que vai embora. Aliás, as duas referidas noras são ótimas esposas e mães. Tão boas que lhes fiz um pedido e tenho sido atendido. Durante minha estada em suas residências, nenhuma ainda falou "ufa" e se o fizer nunca mais volto lá. Por outro lado, embora eu seja um cara chato, prepotente, machista, sistemático, cheio de hábitos, ainda não vi nenhuma colocar a vassoura atrás da porta, com um garfo espetado, remédio infalível para que o hóspede se mande.

Mogi das Cruzes é uma cidade grande, rica, cheia de vida e progresso, com fábricas, duas universidades, onde se você jogar uma tarrafa, pega, no mínimo duzentos japoneses ou descendentes.

Adoro o lugar, principalmente por causa dos filhos e das cinco netinhas, que são bonitas "paca". Aliás, os aludidos descendentes estão no afã maravilhoso de fabricar gente. Só que são exagerados: ambos têm gêmeas, o que me deixa

preocupado. Logo não mais terei dinheiro nem para o cigarro, pois minha mulher é do tipo avó-mel e tarada para dar presentes: casaquinhos, capinhas, sapatinhos, macacãozinhos, bolas, brinquedos de corda, bonecos eletrônicos e outros bichos. Assim não há tatu que agüente. Entretanto, uma coisa me consola e me vinga. Atualmente, os pais compram (e lavam) fraldas. Quero ver quando tiverem de adquirir vestidos e "modess".

O ruim de Mogi é o frio. A cidade fica junto de uma serra (parece que é a Serra do Itapeti), que está sempre fumando, cheia de névoa e mistério. Acho que lá deve ter fantasmas aos montes. De noite não ando sozinho de jeito nenhum. Há uma diferença de temperatura de, pelo menos, dez graus, entre Itápolis e Mogi. Nesta época, a gente tem de andar de pulôver, roupa de lã, luvas, ceroula de flanela (tipo minhocão) e capuz (coisa ridícula). Mesmo assim, com o frio gelado e úmido, a gente procura e não acha... o que é constrangedor.

Para chegar às casas dos filhos (ambos moram na Vila Oliveira) a gente passa ao lado de um "big" cemitério, com um medão desgraçado, por que, realmente a porta do desconhecido apavora.

Vai daí, estive pensando outro dia. Com o correr do tempo, os parentes mais queridos, os amigos mais diletos, os amores também, estão partindo. Pouca gente que amo ainda

está deste lado. Quase todos já foram embora. Meus cuidados e minha dedicação, minhas preces não têm adiantado nada. Não consigo impedir a debandada, o que é muito triste. O outro lado já conta com u'a multidão imensa, formada pelos que me foram caros. Dizem que é a lei, que assim deve ser.

Por mim acho que os pais, os filhos e os amigos deveriam ser eternos. Às vezes, fico pensando: será que ainda tenho alguma coisa a fazer neste lado, onde quase mais ninguém me escuta, me dá atenção, onde minhas idéias estão ultrapassadas? Em algumas oportunidades tenho a impressão que estou vivendo por teimosia, de favor. Resta apenas um consolo; no futuro, quando chegar ao outro lado, meu Pai, minha Mãe, meus parentes, meus amigos, meus amores, vão me receber de braços abertos, cheios de carinho, cheios de amor. Talvez, Jesus e Deus também estejam lá.